

“Se hay gobierno, estoy a favor”: Rodrigo Maia como traço imutável da política brasileira

“Se hay gobierno, estoy a favor”: Rodrigo Maia as an unchanging trait of Brazilian politics

“Si hay gobierno, estoy a favor”: Rodrigo Maia como traço imutável da política brasileira

_Deysi Ciocari
_Vanderlei de Castro Ezequiel

SOBRE OS AUTORES >

Deysi Ciocari.

Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Pesquisadora dos grupos Comunicação e Política na Sociedade do Espetáculo (Faculdade Cásper Líbero) e Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (PUC/SP).

E-mail: deysiciocari@gmail.com

Vanderlei de Castro Ezequiel

Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero/SP.

Pesquisador do grupo Comunicação e Política na Sociedade do Espetáculo (Cásper Líbero).

E-mail: vander.ce@gmail.com

RESUMO > RESUMEN > ABSTRACT >

O objetivo desse artigo é fazer uma análise da reviravolta que o partido Democratas sofreu na cena política brasileira tendo como protagonista o atual presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM-RJ). Analisou-se o declínio do DEM mediante a chegada do Partido dos Trabalhadores ao poder e a articulação das forças políticas para retomada do protagonismo político tendo como figura principal, Rodrigo Maia, um líder que pode ser analisado mediante as noções de Fortuna e Virtú e equilibra-se em meio à agenda midiática brasileira e à espetacularização da política. O embasamento teórico abrange Nicolau Maquiavel, Guy Debord e Vera Chaia, além de textos sobre a trajetória do PFL/DEM.

Palavras-chave: Comunicação; Democratas; Partidos Políticos; Poder; Câmara dos Deputados.

Este artículo analiza el giro que el partido Demócratas sufrió en la escena política brasileña teniendo como protagonista al actual presidente de la Cámara de Diputados, Rodrigo Maia (DEM-RJ). Se analizó el declive del DEM mediante la llegada del Partido de los Trabajadores al poder y la articulación de las fuerzas políticas para retomar el protagonismo político teniendo como figura principal, Rodrigo Maia, un líder que puede ser analizado mediante las nociones de Fortuna y Virtú y equilibra en medio de la agenda mediática brasileña y la espectacularización de la política. La base teórica abarca a Nicolau Maquiavelo, Guy Debord y Vera Chaia, además de textos sobre la trayectoria del PFL / DEM.

Palabras clave: Comunicación; Demócratas; Partidos políticos; Poder; Cámara de los Diputados.

This paper analyzes the turnaround that the political party Democrats suffered in the Brazilian political scene, with the current president of the Chamber of Deputies, Rodrigo Maia (DEM-RJ). The decline of the DEM was analyzed through the arrival of the other political party, Workers' Party, to power and the articulation of the political forces to retake the political protagonism, with the main figure, Rodrigo Maia, a leader who can be analyzed through the notions of Fortuna and Virtú and balances in the midst of the Brazilian media agenda and the politics' spectacularization. The theoretical basis includes Nicolau Machiavelli, Guy Debord and Vera Chaia, as well as texts on the PFL / DEM trajectory.

Keywords: Communication; Democratas; Political parties; Power; Chamber of Deputies.



Mas a ambição do homem é tão grande que, para satisfazer uma vontade presente, não pensa no mal que daí a algum tempo pode resultar dela.

- Maquiavel

INTRODUÇÃO

“Isso é que é partido”. Assim, Fernando Henrique Cardoso (FHC) agradecia o apoio do Partido da Frente Liberal¹ (PFL) à emenda da reeleição em 1997. Em 1997 o PFL ainda era um partido poderoso, com uma bancada forte na Câmara dos Deputados e no Senado, e oferecia seu apoio irrestrito ao então presidente FHC. Foi também em 1997 que o partido se envolveu no escândalo da compra de votos. Mais precisamente em 13 de maio de 1997, o jornal Folha de São Paulo estampa em sua capa: “Deputado conta que votou pela reeleição por R\$ 20mil”. Conversas gravadas davam conta de que deputados haviam recebido o equivalente a R\$ 894.451,70, em valores corrigidos pelo Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M) para votar a favor da emenda, em um suposto esquema chefiado pelo então ministro Sérgio Motta, já falecido, homem de confiança de FHC e sócio dele em uma fazenda em Minas Gerais.

Fernando Henrique Cardoso atravessou o caos, uma tentativa de instalação de Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) e, em 4 de junho o Senado, em segundo turno, aprovou a emenda da reeleição. No ano seguinte, FHC é reeleito. Neste período, o PFL era um partido forte e um dos pilares do governo FHC, participava da composição ministerial e influenciava diretamente o jogo político. Bem diferente da decadência que viria nos anos 2000.

Em pleno século XVI, Maquiavel se perguntava: como fazer reinar a ordem, como instaurar um Estado estável? O problema central de sua análise política é descobrir como pode ser resolvido o inevitável ciclo de alternância entre estabilidade e caos. Para o autor florentino, a ordem da política não é natural. Ela deve ser construída pelos homens para se evitar o caos e a barbárie, e, uma vez alcançada, não será definitiva, pois há sempre, em germe, seu trabalho em negativo, isto é, a ameaça de que seja desfeita.

Maquiavel percebe que em todo o tempo é possível observar a presença de traços humanos imutáveis. Por isso a afirmação de que os homens “são ingratos, volúveis, simuladores, covardes ante os perigos, ávidos de lucro” (O príncipe, cap. XVII, p. 15). Esses atributos negativos compõem a natureza humana e mostram que o conflito e a anarquia são desdobramentos necessários dessas paixões e instintos malévolos. O autor afirma que essa permanência – da natureza negativa dos homens – em todas as épocas e sociedades transforma a história em uma privilegiada fonte de ensinamentos. Por isso, o estudo do passado não é um exercício de mera erudição, mas, sim, um desfile de fatos dos quais se deve extrair as causas e os meios usados para enfrentar o caos resultante da expressão da natureza humana. Afirma-se, assim, que a história é cíclica, repete-se indefinidamente, já que não há meios absolutos para “domesticar” a natureza humana. Em outros termos, a perversidade das paixões humanas sempre volta a se manifestar.

¹ O PFL foi fundado em 1985 em meio as articulações que possibilitaram a eleição de Tancredo Neves à Presidência da República. Em 28 de março de 2007, ocorre a refundação do partido que passa a se denominar Partido Democratas.que circunstâncias, ou seja, se essas imagens serão veiculadas de forma positiva, negativa, distorcida ou modificada”.

Neste trabalho lançou-se um olhar sobre os “traços imutáveis” da política brasileira, principalmente a relação fisiológica dos partidos políticos com o Poder Executivo, mais especificamente refletiu-se sobre o Partido Democratas (DEM). Entende-se a trajetória do DEM como um exemplo de elite partidária que se desenvolveu nos anos posteriores à redemocratização². O partido participou de todos os governos civis que sucederam seu surgimento em 1985 como Partido da Frente Liberal e compôs com o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) a chapa que venceu as eleições em 1994. Em 1998, ano da reeleição de FHC, tornou-se o maior partido da Câmara dos Deputados. O PFL foi um dos protagonistas da política brasileira até a chegada do Partido dos Trabalhadores (PT) ao poder. Como Maquiavel afirma, porém, no poder, não há garantias. Em 2002 Luiz Inácio Lula da Silva é eleito Presidente da República e o PFL passa então à oposição. Em uma tentativa de deixar para trás o estigma de partido fisiologista, descendente da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e apoiador da ditadura, o partido muda o nome e usa a refundação para tentar manter-se como protagonista no cenário político nacional, e como bem argumenta o ex-senador Jorge Bornhausen em entrevista, “para permanecer na mídia” (Entrevista a autora, 2015). Em 2007, surge o Democratas. As antigas lideranças, como Jorge Bornhausen, cedem lugar à presidência do partido para o deputado Rodrigo Maia, filho do ex-prefeito do Rio de Janeiro, César Maia, que então com seus 37 anos tinha a incumbência de dar novo fôlego ao DEM. No entanto, nem mesmo o “principado hereditário” mostra-se seguro.

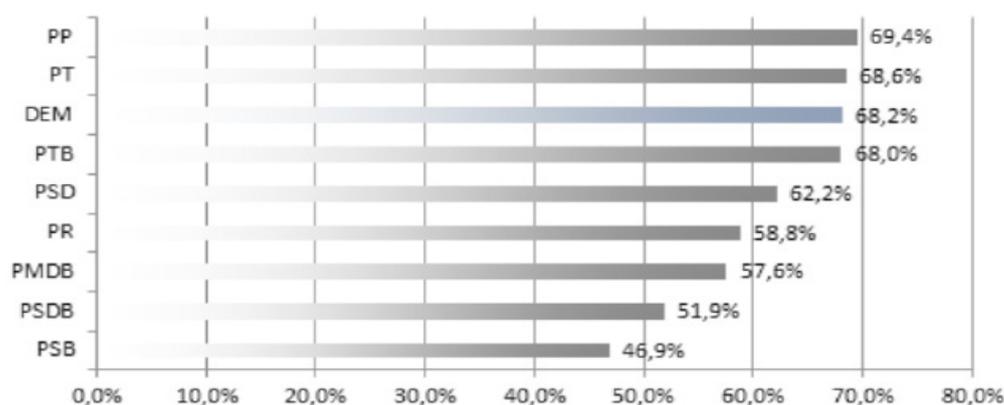
Como define Maquiavel, a política não trata mais apenas da força bruta, da violência, mas da sabedoria no uso da força, do emprego virtuoso da força. O governante não é, pois, simplesmente o mais forte – aquele que tem condições de conquistar –mas, sobretudo, o que demonstra ter Virtú, sendo assim aquele capaz de manter o domínio adquirido senão pelo amor, ao menos pelo respeito dos governados.

Fora do governo, o DEM declina na cena política nacional. Amarga um encolhimento considerável na Câmara dos Deputados e no Senado. Em 2011, o então prefeito da cidade de São Paulo, Gilberto Kassab funda o Partido Social Democrático (PSD) e atrai mais de 20 parlamentares do DEM para a nova legenda. O Democratas ainda acredita na renovação pelas urnas, mas nas eleições de 2014, além de reeleger 68% de seus parlamentares, portanto, nada de renovação, inicia a nova legislatura com apenas 22 deputados. Torna-se um partido de pouca expressão, apenas satélite do PSDB.

Como define Maquiavel, a política não trata mais apenas da força bruta, da violência, mas da sabedoria no uso da força, do emprego virtuoso da força. O governante não é, pois, simplesmente o mais forte – aquele que tem condições de conquistar –mas, sobretudo, o que demonstra ter Virtú, sendo assim aquele capaz de manter o domínio adquirido senão pelo amor, ao menos pelo respeito dos governados.

Fora do governo, o DEM declina na cena política nacional. Amarga um encolhimento considerável na Câmara dos Deputados e no Senado. Em 2011, o então prefeito da cidade de São Paulo, Gilberto Kassab funda o Partido Social Democrático (PSD) e atrai mais de 20 parlamentares do DEM para a nova legenda. O Democratas ainda acredita na renovação pelas urnas, mas nas eleições de 2014, além de reeleger 68% de seus parlamentares, portanto, nada de renovação, inicia a nova legislatura com apenas 22 deputados. Torna-se um partido de pouca expressão, apenas satélite do PSDB.

² A chamada redemocratização, período posterior ao último regime militar brasileiro (1964-1985) tem início em 15 de janeiro de 1985, quando Tancredo Neves foi eleito Presidente da República pelo Colégio Eleitoral, com José Sarney como vice-presidente. Mas a redemocratização só foi completa com a promulgação da Constituição de 88, a Constituição Federal, em 5 de outubro de 1988 quando Jose Sarney era o atual presidente da república. As primeiras eleições presidenciais livres e diretas no Brasil, pós ditadura militar, ocorreram em 1989 quando Fernando Collor de Mello, do PRN (Partido da Reconstrução Nacional), foi eleito.

% Reeleitos (2014)

Como foi dito nos parágrafos anteriores o estudo do passado não é um exercício de mera erudição, mas, um desfile de fatos dos quais se extrai as causas e os meios usados para enfrentar o caos resultante da expressão da natureza humana. A história é cíclica (grifo nosso), repete-se indefinidamente, ao sabor da natureza humana.

A personalização da política e o jogo do poder permitiram que o deputado Rodrigo Maia, até então apenas o filho de antigo cacique do partido – Cesar Maia³, ex-prefeito do Rio de Janeiro – após negociação de cargos na Mesa alçasse ao posto de presidente da Câmara dos Deputados no início do governo Michel Temer⁶. Após assumir a presidência da Câmara, Maia passa a liderar as articulações para manter Michel Temer no poder. Note-se que, nos governos FHC e Michel Temer trocam-se apenas os nomes dos personagens: “A história é cíclica”. Espetáculo, poder e Virtú se misturam num cenário que traz novamente o Democratas ao protagonismo de outrora na cena política brasileira. Se em 2015 o partido parecia ser, como o ex-presidente Lula havia dito, extirpado da política, atualmente a conjuntura é outra.

A personalização da política, a aparente verticalidade no processo de tomada de decisões partidárias e as denúncias de que os partidos são oligarquias que representam cada vez menos os cidadãos aumentaram o descrédito nos partidos como instrumentos do sistema político, pondo em dúvida a capacidade mobilizadora e de representação dessas agremiações. Porém, mesmo não havendo aparentemente iniciativas para o estreitamento político com o eleitor, os partidos continuam sendo parte fundamental do jogo político.

Maquiavel, novamente, pode ajudar a encontrar esses caminhos ainda não traçados: Rodrigo Maia, o principal objeto de análise neste trabalho, é levado à condição de príncipe, impelido principalmente pelo destino⁵, com pouco esforço, mas de acordo com Maquiavel, com muito esforço para reter esse poder. Os obstáculos encontrados no caminho são ultrapassados porque voam nas asas da fortuna. É depois de terem subido ao poder que veem surgir as dificuldades. Não sabem nem podem sustentar-se aí. Não sabem, porque, salvo se forem homens de grande engenho e virtude [Virtú], não é de crer que, após uma vida exclusivamente privada, possuam aptidões para governar; não podem, porque carecem de força em cuja dedicação e fidelidade lhes seja lícito confiar. Demais, os Estados rapidamente surgidos, como

³ 1992 e 2000.

⁴ Michel Temer assumiu a Presidência da República após o impeachment da presidente eleita Dilma Rousseff.

⁵ Filho do ex-prefeito César Maia, Rodrigo Maia se lança a prefeito do Rio em 2012, em sua primeira tentativa de disputar um cargo eletivo no Executivo. Com Clarissa Garotinho, então no Partido da República – PR –, como vice. Termina a disputa em terceiro lugar, obtendo apenas 2,92% dos votos válidos. Mesmo com o tempo de propaganda em rádio e TV da disputa majoritária, recebe menos votos do que teve nas eleições para a Câmara de Deputados em 1998, 2002 e 2010.

⁶ Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,temer-e-rodrigo-maia-trocam-juras-de-lealdade,70001881740>. Acesso em: 6 set. 2017.

todas as outras coisas da natureza que nascem e crescem depressa, não podem ter raízes e as aderências necessárias para a sua consolidação.

Rodrigo Maia mostra fidelidade a quem o alavancou. Jura lealdade a Temer⁶. E então começa a reformular sua imagem: chora em frente às câmeras⁷ ao homologar acordo de recuperação fiscal ao Rio de Janeiro. Utiliza a mídia para construir imagem de bom político fiel a quem o colocou no cargo. Como diz Schwartzberg (1992), a imagem rotula e identifica, contribuindo decisivamente para individualizar as características de um político. O valor da verdade fica relativizado. Nesse trabalho será analisado como Rodrigo Maia passou de simples ator coadjuvante a figura principal da cena política brasileira, alçando o Democratas ao seu atual protagonismo. Analisamos a bancada do PFL desde seu surgimento até a última eleição em 2016 e o surgimento de Rodrigo Maia na cena política. O embasamento teórico é alçado principalmente em Nicolau Maquiavel, Guy Debord e Vera Chaia.

SI HAY GOBIERNO, SOY A FAVOR

A Frente Liberal⁸ surge em janeiro de 1985 com cinco governadores, 14 senadores e 77 deputados federais (NICOLAU, 1996). O surgimento do partido ocorreu de forma endógena ao sistema político, em uma disputa por espaço. A presença de representantes originários do Partido Democrático Social (PDS) é visível na criação do PFL, sendo poucos os deputados federais com filiação exclusiva à legenda (MARENCO, 2001).

Campello (1983) e Panebianco (1982) apresentam o conceito de autonomia como um parâmetro para a análise do grau de institucionalização do sistema partidário ou de um partido como organização. A fragilidade dos partidos políticos no Brasil foi marcada pela ausência de autonomia diante do Poder Executivo. Sendo assim, os partidos não ocupavam um protagonismo no sistema político. Como bem define Corbellini (2005) o êxito do PFL surge exatamente no contexto da política marcado pela emergência de governos sustentados pelo sistema de coalizões partidárias.



Assim, em um ambiente no qual os partidos passam a ser atores relevantes do jogo político, demonstram autonomia e capacidade de sobrevivência às variações externas e, através da conquista de uma importância singular na arena legislativa, ocupam a posição privilegiada na operação de responsividade dos governos democráticos, o PFL implementará com sucesso uma estratégia de partido do governo. (CORBELLINI, 2005, p. 46)

Dessa forma, o êxito do PFL está em sua capacidade de operar dentro dos novos marcos institucionais ao mesmo tempo que continua a se valer de recursos políticos patrimonialistas. A importância da elite nordestina na formação e no desenvolvimento do partido é apontada como um de seus traços definidores (KINZO, 1993; MAINWARING et al., 1999).

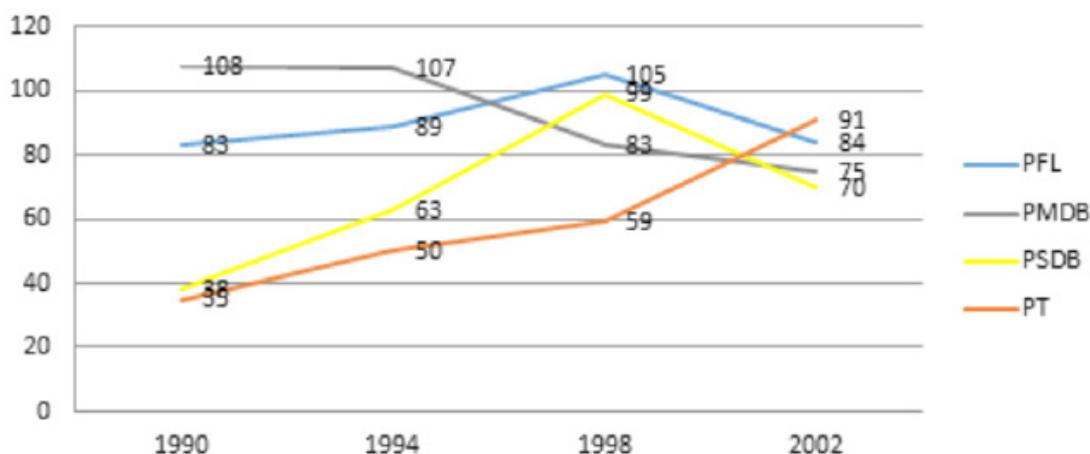
Para Panebianco (1988), alguns partidos políticos se estruturam e se desenvolvem por penetração territorial, ou seja, há um centro e elites nacionais que estimulam e controlam sua posterior expansão e organização. Tal processo de desenvolvimento implica a existência de um núcleo de líderes nacionais que vai se constituir em sua primeira coalizão dominante, envolvendo certa coesão desse núcleo central. De acordo com Panebianco, são os membros desse núcleo central de líderes que posteriormente criarão

⁷ Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/rodrigo-maia-chora-ao-homologar-acordo-de-recuperacao-fiscal-do-rio.ghtml>. Acesso em: 6 set. 2017.

⁸ A pesquisa sobre a história completa do surgimento do PFL está na tese da autora: Do PFL ao DEM: uma análise das Bancadas.

condições para que a agremiação seja implantada nacionalmente. Ainda de acordo com esse autor (2005, p. 217) os partidos se tornam instituições fortes ou fracas, sobretudo em consequência das características de seu modelo originário e de certas características institucionais e políticas de seu ambiente. Assim, quando um partido se consolida como governista, o resultado provável é de que a coerência estrutural interna seja muito pequena. Na tabela abaixo tem-se os votos do PFL até a chegada do PT ao poder (2003). O partido tem seu auge em 1998 quando elege 105 deputados federais. Na véspera de virar oposição, o partido “perde” 21 deputados, mas ainda tem a segunda maior bancada da Câmara dos Deputados.

Bancada federal 1990-2002



Fonte: Autores. 11/10/2013.

Nesse cenário, o PFL ainda se mantém um partido forte com 84 deputados federais. Além disso, ocorre um aumento relativo da Região Sul dentro da bancada do PFL na Câmara, ao lado da redução das Regiões Norte e Centro-Oeste, justamente as duas regiões representadas no Congresso:

Esse dado sugere um crescimento real do PFL na direção da consolidação como partido nacional, independentemente dos fatores institucionais, que até então lhe garantiam uma bancada numerosa no Congresso Nacional mesmo sem correspondência com o eleitorado (TAROUCO, 2002, p. 64).

Com a chegada do PT ao poder em 2003, aumenta a preocupação do partido com a sobrevivência longe dos quadros do governo. A questão do fisiologismo e a renovação desses quadros – (dois dos principais argumentos para mudança de nome em 2007) – eram uma preocupação constante do partido. Essa preocupação é claramente manifestada e está registrada em ata de reunião da comissão executiva: a falta de estrutura interna tem provocado divulgação na imprensa de que o PFL seria fisiológico e aproveitador das benesses do poder.

Ribeiro (2012) aponta que os melhores momentos do PFL na disputa eleitoral ocorreram quando o partido estava aliado a governos bem avaliados na época em que aconteceram as eleições. Isso aconteceu em 1986, primeira eleição disputada pelo recém-fundado PFL, quando estava associado ao governo Sarney, que, embalado pelo efêmero sucesso do Plano Cruzado⁹, gozava de elevada popularidade naquela ocasião. E voltou a repetir-se em 1998, ano da reeleição de Fernando Henrique Cardoso, possibilitada pelo sucesso do Plano Real¹².

⁹ O Plano Cruzado foi um conjunto de medidas econômicas, lançado pelo governo brasileiro em 28 de fevereiro de 1986. José Sarney era o Presidente da República. Este foi o primeiro plano econômico nacional em larga escala desde o término da ditadura militar.

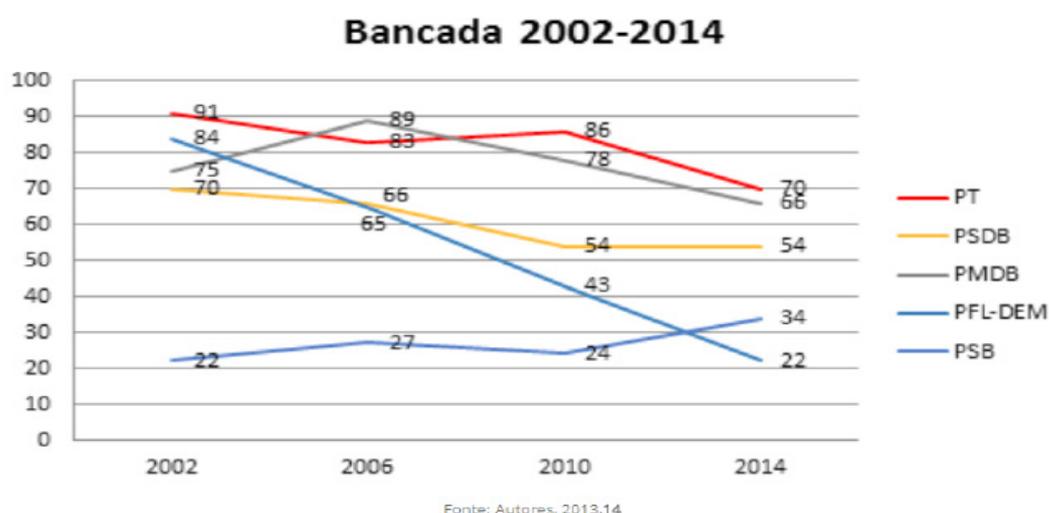
¹⁰ Plano Real foi um programa brasileiro com o objetivo de estabilização e reformas econômicas, iniciado em 27 de fevereiro de 1994. Fernando Henrique Cardoso era o Presidente da República.

O PFL, no entanto, até a chegada do PT ao poder em 2003, sempre conseguiu operar dentro de todos os campos políticos ao mesmo tempo que manobrava, com competência, todos os recursos políticos típicos da lógica patrimonialista brasileira, sendo basicamente a ocupação de cargos na máquina do Estado e apropriação de recursos públicos com fins eleitorais. Sartori (1992) explica essa solidificação do PFL com elementos do poder apontando que o sistema de partidos e o surgimento de um partido moderno são resultados adjacentes à ampliação do sufrágio, à ocorrência sistemática de eleições e ao surgimento do que ele chama de “governos sensíveis”. Os partidos se institucionalizam à medida que se tornam necessários tanto para produzir resultados eleitorais quanto para operarem a comunicação das preferências populares dos governos. A capacidade do partido sobreviver preservando capital eleitoral é um indicador de sua saliência eleitoral.

Para Bornhausen¹¹ “fisiologismo existe hoje em que as pessoas nomeiam para obter vantagem. A nossa nomeação era afirmação de que o partido tinha quadros e podia contribuir corretamente para a administração” (entrevista à autora, 2015). Onyx Lorenzoni (DEM-RS) afirma que a política brasileira em si é fisiológica: “A frase mais famosa na política brasileira é: ‘se hay gobierno, estoy a favor’, e não a famosa frase dos castelhanos, ‘se hai gobierno, soy contra’. E isso explica muito de toda a política” (LORENZONI, 2015, entrevista à autora).

O cientista político Jairo Nicolau afirma que a refundação do PFL como DEM teve como objetivo coroar um processo geral de modernização do partido. Nicolau afirma que o DEM gostaria de ser um partido de direita moderno, com um novo programa e dirigido às camadas médias urbanas; uma espécie de Partido Conservador do Reino Unido, que também passou por uma reformulação. De acordo com ele, isso explicou a saída de membros históricos da direção do partido e a ascensão de jovens dirigentes como Rodrigo Maia, Kátia Abreu e Gilberto Kassab (esses dois últimos mudaram de partido: Kassab foi para o PSD, e Kátia Abreu, para o PMDB).

A troca do nome e a tentativa de dar nova identidade à sigla foram amparadas por uma pesquisa de opinião pública conduzida pela empresa MCI, presidida pelo cientista político Antônio Lavareda, cujos resultados mostraram que a sigla PFL, além de relativamente pouco conhecida, ainda estava associada de maneira negativa ao regime militar e carregava o estigma de ser um partido de direita.



¹¹Político tradicional dos Estado de Santa Catarina, filiado à antiga ARENA, depois ao PDS, foi presidente nacional do PFL e continuou na legenda após sua refundação e troca de nome para DEM, deixando a vida partidária em 2010.

¹² Mesmo após a janela partidária, o DEM tem 27 parlamentares, ficando ainda na mesma posição, como um partido médio.

A preocupação tem fundamento. A partir da chegada de Lula ao poder, o PFL/DEM só amarga encolhimento, como percebe-se na tabela acima. Em 2002, com 84 deputados chega ao ano de 2014 com 22, sendo ultrapassado em número de parlamentares pelo então nanico PSB. Some-se a esse encolhimento os 39 deputados que deixaram o partido entre os anos de 2003 e 2006 e onze na legislatura 2007-2010. O esvaziamento partidário só aumenta. O chamado “troca-troca” partidário costuma ser apresentado na literatura como um indício da precariedade do sistema partidário brasileiro (MELO 2004, LAMOUNIER 2005). Evidenciaria a falta de identidade dos partidos brasileiros que, de modo geral, seriam carentes de feições programáticas e ideológicas próprias, tornando-se pouco distintos entre si, além de incapazes de gerar identidades sólidas com o eleitorado (KINZO, 2005). Tais características enfraqueceriam os elos entre os partidos e os políticos a eles filiados.

A “renovação” ocorre já com o afastamento do ex-senador Jorge Bornhausen (SC) da presidência do partido. O Democratas, de acordo com Lorenzoni, foi “tristemente abandonado por Jorge Bornhausen” (entrevista à autora, 2015). Para alguns parlamentares da legenda, a dependência em relação ao PSDB pode ser explicada pelo fato de que o DEM nunca se organizou efetivamente para lançar candidatos próprios. Esse pensamento foi compartilhado por todos os entrevistados.

É muito difícil um partido se firmar sem ter candidato próprio à presidência. Lançamos esporadicamente um candidato a prefeito, outro a governador, mas nada organizado de fato. E o que acontece é que é muito difícil fazer política contra o governo que detém os recursos, estrutura, base social e 90% da mídia brasileira engajada, iludida ou não, dentro do projeto de poder do PT (LORENZONI, 2015, entrevista à autora).

Quando Rodrigo Maia assume a primeira presidência do Democratas, o partido já não figura entre os grandes do Congresso¹³ e passa a ocupar lugar entre os partidos médios. Duverger lembra que na formação de uma direção partidária há sempre a questão prática:

Em toda comunidade humana, a estrutura do poder é o resultado de duas forças antagônicas: as crenças, por um lado, as necessidades práticas por outro. Em consequência, a direção dos partidos – como a maioria dos grupos sociais atuais (...) apresenta o duplo caráter de uma aparência democrática e de uma realidade oligárquica (1970, p. 170).

E é aí que entram as articulações que levam Rodrigo Maia à presidência da Câmara dos Deputados, em 14 de julho de 2016. Maia foi aliado de Eduardo Cunha¹⁴ (PMDB-RJ), ex-presidente da Câmara, afastado por denúncias de corrupção. Ajudou no processo de impeachment da presidente Dilma, quando o presidente Michel Temer – ainda interino – recompensou o partido com o Ministério da Educação (ocupado por Mendonça Filho – DEM-PE). Tudo isso com o DEM ainda em situação de indefinição, momento em que era cogitado até uma fusão com o Partido Socialista Brasileiro (PSB). Nessa eleição para a presidência da Casa, no entanto, Rodrigo Maia vinculou seu nome ao do presidente Temer e com 285 votos a favor, e contando com votos de PT, PDT e PCdoB, Maia venceu. Esse fato pode significar o ressurgimento do DEM como partido forte e influente. Em contrapartida, em 2014 Maia teve seu pior desempenho eleitoral. Foi eleito deputado federal com 53.167 votos. De acordo com Cioccarri, Maia “poderia tirar o partido dos aparelhos com o qual respira. Novamente, dentro da lógica governista” (2016, p. 37).

¹³ Conforme demonstrado na Tabela 3.

¹⁴ Para saber mais: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo_Cunha>. Acesso em: 14 jul. 2016.

Rodrigo Maia: a virtú, a fortuna e o espetáculo

“O nosso tempo prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade”
(Feuerbach apud Debord, 1997, Capítulo I).

Após o resultado negativo das urnas em 2012, na disputa pela prefeitura do Rio de Janeiro, Rodrigo Maia afirmou que não voltaria a disputar cargos para o Executivo. Em contrapartida, com a renúncia do deputado Eduardo Cunha à presidência da Câmara dos Deputados, em 14 de julho de 2016¹⁵, Maia foi eleito o presidente da Casa. Nessa data, o deputado já era alvo de dois inquéritos no Supremo Tribunal Federal resultantes das colaborações (delações) premiadas de ex-executivos da empreiteira Odebrecht na Operação Lava Jato.

Dessa forma, se Rodrigo Maia não teve bom desempenho nos votos, por outro lado, foi muito bem nas articulações. Enquanto publicamente deu provas de lealdade a Michel Temer, chegando a arrancar declarações como “Ele me dá provas de lealdade o tempo todo”¹⁶, nos bastidores deixou o presidente Temer à própria sorte. Maia influenciou na escolha do deputado federal Sérgio Zveiter (PMDB-RJ) como relator da proposta de ação penal contra Temer na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ). A posição seria um cheque em branco para qualquer parlamentar, mas Zveiter, um neófito no PMDB, é considerado um deputado motivado por agenda própria e era esperado que seu relatório fosse favorável à abertura de um processo contra Temer. Schwartzberg (1992) compara a política à arte dramática, já que em ambas as áreas predominam a composição, a maquiagem, postura e o ensaio dos discursos. O homem político prefere o “parecer” ao “ser”. Na mesma linha, Maquiavel aponta que os homens “são ingratos, volúveis, simuladores, covardes ante os perigos, ávidos de lucro” (O príncipe, cap. XVII).

Desta forma, sustenta o pensador florentino:

aquele que estudar cuidadosamente o passado pode prever os acontecimentos que se produzirão em cada Estado e utilizar os mesmos meios que os empregados pelos antigos. Ou então, se não há mais os remédios que já foram empregados, imaginar outros novos, segundo a semelhança dos acontecimentos (Discursos, livro I, cap. XXXIX).

Como já mencionado na introdução deste artigo, a história é cíclica, repete-se indefinidamente, já que não há meios absolutos para “domesticar” a natureza humana. Assim, a ordem sucede à desordem e esta, por sua vez, clama por “uma nova ordem”. Porém, como é impossível extinguir as paixões e os instintos humanos, o ciclo se repete. O que pode variar são os tempos de duração das formas de convívio entre os homens.

Maquiavel sublinha que o poder se funda na força, mas é necessário Virtú para se manter no poder; mais nos domínios recém adquiridos do que naqueles há longo tempo acostumados ao governo de um príncipe e sua família. Ressalta ainda que nem mesmo o principado hereditário é seguro. O governante tem que se mostrar capaz de resistir aos inimigos e aos golpes da sorte, “construindo diques para que o rio não inunde planície, arrasando tudo o que encontra em seu caminho”. A cientista política Maria D’Alva Kinzo (2005) afirma que o sistema partidário brasileiro, característico por sua alta fragmentação e migração

¹⁵ Fonte: Wikipedia. Acesso em: 9 set. 2017

¹⁶ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2017/07/07/me-da-provas-de-lealda-de-o-tempo-todo-diz-temer-sobre-maia.htm> Acesso em: 6 set. 2017.

partidária são reflexos de um quadro frágil e que favorece justamente o individualismo e surgimento desses líderes políticos isolados, incitando o que Ângelo Panebianco (2005) chama de “processo de estatização dos partidos” no qual há uma preocupação quase exclusiva com a competição eleitoral e com a sobrevivência dos personagens políticos. Esse sistema evidenciaria a falta de identidade dos partidos brasileiros que, de modo geral, seriam carentes de feições programáticas e ideológicas próprias, tornando-se pouco distintos entre si, além de incapazes de gerar identidades sólidas com o eleitorado (KINZO,2005). Tais características enfraqueceriam os elos entre os partidos e os políticos a eles filiados. Rodrigo Maia, o atual líder político do Democratas, então adota a discrição ante a crise que assolou o governo Michel Temer em maio de 2017¹⁷. Diante dos holofotes Maia evitava pautar polêmicas e nos bastidores a discussão não cessava. Elogios à sua postura discreta chegaram à imprensa, como o do deputado José Carlos Aleluia (DEM-BA), em depoimento à BBC Brasil²⁰: “Ele se mostrou muito leal e equilibrado nesse episódio do presidente (Temer). Se fosse um oportunista, teria trabalhado por sua derrubada, mas trabalhou por sua manutenção”. Um príncipe sábio deve guiar-se pela necessidade – “aprender os meios de não ser bom e a fazer uso ou não deles, conforme as necessidades”. Defensor do presidente, o que conta nesse caso é “o triunfo das dificuldades e a manutenção do Estado. Os meios para isso nunca deixarão de ser julgados honrosos, e todos os aplaudirão” (O príncipe, cap. XVIII). E, Maia fez a lição de casa. Em entrevista ao jornalista Roberto D’Ávila, da Globo News²¹, em meio à possibilidade do afastamento do presidente Michel Temer por corrupção passiva²², Maia afirma que os boatos de um possível “golpe” para assumir a presidência do país teriam levado a uma bronca da mãe. “Você não vai conspirar!”, ela disse em uma mensagem de texto. “Não, mãe, você me ensinou que eu tenho que ser leal, e assim eu sou!”, ele falou, reproduzindo o diálogo, acrescentando que mostrou a mensagem ao presidente Temer. Chaia (2000) esclarece que as lideranças políticas, atualmente, conseguem deflagrar ou firmar qualquer carreira política, à medida que sua imagem aparece na mídia. Maia constrói seu poder não pela força, mas por uma teatralização. O poder precisa de uma encenação para se consolidar. Georges Balandier (1982) afirma:

O poder estabelecido unicamente sobre a força ou sobre a violência não controlada teria uma existência constantemente ameaçada; o poder exposto debaixo da iluminação exclusiva da razão teria pouca credibilidade. Ele não consegue manter-se nem pelo domínio brutal e nem pela justificação racional. Ele só se realiza e se conserva pela transposição, pela produção de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização em um quadro cerimonial. (p.7)

Maquiavel, nessa mesma linha, afirma que o objetivo do governante é a de se manter no poder e que todas as atitudes tomadas por ele são resultado desse objetivo. Até então, Rodrigo Maia era apenas mais um deputado federal da ala mais jovem do Democratas, filho do ex-prefeito, esse sim, o ex-poderoso Cesar Maia. É aqui, e somente aqui, que entra a definição de Fortuna. O príncipe que vive despreparado em função da Fortuna apenas atrairia desonra e fracasso, mas o de Virtù procura utilizá-la, controlá-la da tal forma que lhe possa ser útil. É nesse sentido da Fortuna que se debruça este trabalho, isto é, procura esclarecer acerca da (in) determinabilidade da Fortuna. Rodrigo Maia havia se debruçado sobre a Fortuna. Herdou

¹⁷ Disponível em: <https://globosatplay.globo.com/globonews/v/6014332/>. Acesso em: 11 set. 2017.

¹⁸ Maia presidiria a sessão que votaria a favor da continuidade, ou não, à primeira denúncia por crime comum feita a um presidente em exercício no Brasil, pelo escândalo da JBS.

¹⁹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/fiel-aliado-de-temer-rodriogo-maia-busca-discricao-e-orientado-manter-silencio-durante-crise-21426344> Acesso em: 7 set. 2017

²⁰ Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-40800117> Acesso em: 9 set. 2017.

o capital político do seu pai e nunca foi um político com expressão nas urnas e muito menos expressão midiática.

O PFL foi refundado em 28 de março de 2007, tendo Rodrigo Maia como primeiro presidente do “novo” partido. Numa pesquisa no banco de dados da Câmara dos Deputados, constata-se que Rodrigo Maia não fez nenhum discurso na tribuna da Casa no primeiro ano de partido. Seu primeiro discurso foi em 17 de março de 2009 (dois anos após a refundação do partido), quando o presidente da Câmara era o então deputado federal Michel Temer (PMDB-SP). Neste seu primeiro discurso, Maia apenas se pronuncia:

Ajuizamento junto ao Supremo Tribunal Federal de Ação Direta de Inconstitucionalidade contra a decisão do Presidente da Casa, Deputado Michel Temer, de convocação de sessões extraordinárias para votação de proposições, não obstante o trancamento da pauta por medida provisória (MAIA, pronunciamento na Ordem do Dia)²¹

Com esse breve levantamento, pretende-se demonstrar que o atual presidente da Câmara, antes de assumir a presidência da Casa, não se caracterizava como um deputado atuante. Não pautava a imprensa como não pauta atualmente, mesmo sendo presidente. Nesse sentido, Rodrigo Maia torna-se apenas um personagem do cargo que ocupa. Não fosse o cargo, continuaria sendo apenas o filho de Cesar Maia. Ao contrário de seu antecessor, Eduardo Cunha (PMDB-RJ) que mobilizava os setores da mídia, Rodrigo Maia apenas conduz discretamente seu cargo.

Por outro lado, após assumir a presidência da Câmara dos Deputados, o Democratas experimenta uma ascensão ao poder. Essa situação favorável não era vislumbrada no primeiro semestre de 2016, quando o partido amargava um futuro absolutamente incerto. Com a presidência da Câmara, o partido toma as rédeas do jogo político. Os homens de Virtù receberam da Fortuna não mais do que a ocasião, que lhes deu a matéria para introduzirem a forma que lhes aprouvesse. Em contrapartida, aqueles que por Virtù conquistam o poder tendem mais facilmente a conservá-lo. À Fortuna Maquiavel atesta apenas metade do sucesso de um príncipe, sendo a Virtù a responsável pela metade que o manteria no poder. Com isso, Maquiavel dilui a crença no sucesso como predestinação e passa a encará-lo como um esforço árduo e constante do homem que se dispõe a governar uma nação, caracterizando o pensamento renascentista de outorgar ao homem e não aos poderes do destino, o seu estabelecimento enquanto tal.

Após a segunda denúncia contra Michel Temer²², Maia apressou-se, sendo foi um dos primeiros a se reunir com o presidente Temer. A diferença de contexto é que, se antes, conforme mencionado nesse trabalho, utilizando a argumentação de Ribeiro (2012) de que os melhores momentos do PFL na disputa eleitoral ocorreram quando o partido estava aliado a governos bem avaliados nos períodos eleitorais, hoje a situação é diferente. Em pesquisa do Ibope, divulgada em 28/07/2017, o governo Temer foi considerado ótimo/bom por apenas 3% dos entrevistados e ruim/péssimo por 77% deles.

Em outubro de 2017, às vésperas da votação em que os deputados decidiriam se a segunda denúncia da PGR contra Michel Temer deveria prosseguir ou não, uma nova crise surge em Brasília. Os vídeos da delação premiada do doleiro Lúcio Funaro, operador do PMDB em esquemas de corrupção, tornaram-se

²¹ Disponível em: <http://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/resultadoPesquisaDiscursos.asp?txOrador=Rodrigo+Maia&txPartido=DEM&txUF=RJ&dtInicio=28%2F03%2F2007&dtFim=28%2F03%2F2009&txTexto=&txSumario=&basePesq=plenario&CampoOrdenacao=dtSessao&PageSize=20&TipoOrdenacao=ASC&btnPesq=Pesquisar#> Acesso em: 20 set 2017.

²² Enviada ao Supremo Tribunal Federal pelo Procurador Geral da República do Brasil (PGR), Rodrigo Janot em setembro de 2017.

públicos através do site da Câmara dos Deputados. O jornal O Estado de S. Paulo chega a publicar: “Assista aos vídeos da delação bomba de Funaro que pega Temer, Cunha e abalou Brasília”²³. Rubim afirma que “o espetáculo remete também à esfera do sensacional, do surpreendente, do excepcional, do extraordinário. Daquilo que se contrapõe e supera o ordinário, o dia-a-dia, o naturalizado”²⁴.

Os vídeos traziam novas acusações do delator contra o presidente Temer e abriram uma crise entre o presidente da Câmara e a defesa de Temer. Em 25 de outubro, Maia presidiu a sessão que barrou pela segunda vez a continuidade de investigações abertas pela PGR contra o presidente. Porém, a relação com Michel Temer já não é a mesma de alguns meses atrás. A ordem sucede a desordem e essa clama por uma nova ordem. O ciclo se repete. O que varia são os tempos de duração das formas de convívio entre os homens.

Considerações finais

O livro O Príncipe, de Maquiavel é considerado um dos maiores instrumentos da filosofia política da História. Por tratar da política como ela se desenvolve de fato e não como poderia desenvolver-se utopicamente. Nesta obra, o autor analisa as relações de poder.

Maquiavel considera que o poder não depende apenas do destino, mas, sobretudo, da astúcia de governante em manter-se sob o comando de uma nação que o respeitasse, temesse e, sendo possível, o amasse. Esse pensamento outorga ao homem a responsabilidade por seu sucesso, através da junção das forças intelectuais e animais presentes em cada indivíduo. Assim, para manter-se no jogo político não basta ao homem o uso da força, mas sim a utilização da astúcia para manter o controle, o poder. Maquiavel inova ao propor que a política possui uma ética própria.

O trabalho aqui apresentado, apoiado em Maquiavel, considera que Rodrigo Maia desempenha bem seu papel no jogo político moderno, ou seja, age conforme o momento exige.

Agiu assim em todas as vezes que foi eleito deputado federal. Fez o necessário para manter o cargo. Nada mais, nada menos. Volátil quando assume a presidência da Câmara dos Deputados, chora em frente às câmeras, mostra mensagens fraternas da mãe. Mais do que isso, Rodrigo Maia soube navegar nos mares da Virtú abandonando a incerteza da Fortuna. Em meio a uma crise no relacionamento com o presidente Michel Temer seria Maia viril o suficiente para, novamente, seduzir a Fortuna presente em Temer e cair de novo nas graças da riqueza e do poder? Seria aqui, Michel Temer, a Fortuna poderosa alicerçada num poder cego e incapaz de cair novamente nas graças da Virtù de Rodrigo Maia? Seria possível novamente uma aliança com a Fortuna simbolizada pelos antigos como, não uma força impiedosa, mas uma deusa boa?

Rodrigo Maia demonstrou até o momento grande poder de articulação. Assim como o PFL – de seu pai, Cesar Maia – era capaz de agir nos meios oligárquicos patrimonialistas e clientelistas quando necessário, também Rodrigo Maia é capaz de agir em meio a políticas mais modernas como a liberal do atual Democratas, do pluralismo político e do governo de coalizão em que operam PSDB e PMDB.

Não se trata mais apenas da força bruta, da violência, mas da sabedoria no uso da força, da utilização virtuosa da força. No entanto, nem mesmo o principado hereditário é seguro. Maia entendeu que a política pressupõe sempre um conjunto de práticas, incluindo seus atores, autores e cenários que se tornam a ambientação de uma sociedade espetacularizada ambientada em rede e em tempo real. A dimensão estética

²³ Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/assista-aos-videos-da-delacao-bomba-de-funaro-que-pega-temer-cunha-e-abalou-brasilia/> Acesso em: 15 out 2017.

²⁴ Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/rubim-antonio-espetaculo-politica.html>. Acesso em: 15 out. 2017.

obriga a política a assumir uma visibilidade e um jogo de cena que não podem ser desconsiderados. Vera Chaia (2015) alerta para o fato de que “na sociedade contemporânea, em que a centralidade dos meios de comunicação é um fato, ocorre a adequação da política a estes meios. As lideranças políticas necessitam da mídia e conseguem se firmar nesta situação à medida que sua imagem é veiculada por esta. A publicização torna-se fundamental para deflagrar ou firmar qualquer carreira política”.

Mesmo assim, retornando à Maquiavel, o autor adverte que não há garantias de que o domínio permaneça, e isto vale para todas as formas de organização do poder.

Com um partido que estava minguando, sendo considerada inclusive a hipótese de sua extinção, Maia soube operar nos bastidores do poder e trazer à tona o Democratas, recuperando a importância do partido na cena política brasileira.

REFERÊNCIAS>>

BALANDIER, Georges. O poder em cena. Ed. Universidade de Brasília, 1982.

CHAIA, Vera. Escândalos políticos: parte do jogo? In: CHAIA, Miguel e CHAIA, Vera. (Org.). Mídia e política. São Paulo: Educ, 2000.

.....Escândalos políticos e eleições no Brasil. In: VI Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VI COMPOLÍTICA). Rio de Janeiro (PUC-Rio), de 22 a 24 de abril de 2015. Disponível em: <http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2015/04/GT8-Chaia.pdf> Acesso em: 14 out. 2017.

CORBELLINI, Juliano. O poder como vocação: o PFL na política brasileira. Tese de doutorado apresentada ao Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, 264 páginas. Ano 2005.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Ed. Contraponto, Rio de Janeiro, 1997.

DUVERGER, Maurice. Os partidos políticos. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

KINZO, M. D. Os partidos no eleitorado: percepções públicas e laços partidários no Brasil. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 20, nº 57, 2005.

KINZO, M. D. e BRAGA, M.S.S. (Orgs.). Eleitores e representação partidária no Brasil. São Paulo: Humanitas, 2007.

LAMOUNIER, Bolívar. Da Independência a Lula: dois séculos de política brasileira. São Paulo, Augurium Editora, 2005

LAVAREDA, A. PFL: O dissenso dos governadores nordestinos em busca de uma nova imagem. 1985

MACHIAVELLI, N. O Príncipe. Trad. Prefácio e Notas, Lívio Xavier. Rio de Janeiro, Ediouro, 2000.

MAINWARING, Scott. Sistemas partidários em novas democracias: o Caso do Brasil. Ed. FGV, SP, 1999,

MAINWARING, S e SCULLY, T (Eds.). Building democratic institutions: party systems in Latin America. Stanford: Stanford University Press, 1995.

MANIN, B. As metamorfoses do governo representativo. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, nº 29, p.5-33, out. 1995.

MANIN, B. The Principles of Representative Government. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

MARENCO, A. Quando trocar de partido pode não ser um bom negócio: migrações na Câmara Federal, 1987-2002.

MENEGUELLO, R. Partidos e tendências de comportamento: o cenário político em 1994, In: DAGNINO, E. (org.). Anos 90. Sociedade e Política no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994.

TAROUCO, Gabriela. Brazilian parties according to their manifestos: political identity and programmatic emphases. Brazilian Political Science Review, São Paulo, v. 5, n. 1, 54- 76, 2011. Disponível em: http://bpsr.org.br/english/arquivos/BPSR_v5_n1_artigos/Article_Gabriela.pdf. Acesso em: 11 set. 2017.